

geralmente aceites, a palavra *citer* descende do indo-europeu ***KEIṬ**- «pôr em movimento», a palavra *chanter* do indo-europeu ***KAN**- «cantar», entre outras que Cortez considera de uma mesma origem indo-europeia, mas que são de origens indo-europeias distintas, de raízes diferentes.

As observações apresentadas poderão ser suficientes para dar alguma ideia da baixa qualidade do livro considerado, mas, para representar o tom de superioridade do Autor ao longo do texto, seria preciso exemplificar muito mais.

Na capa do livro, afirma-se que o Autor prova de forma irrefutável que os romanos já não falavam latim quando iniciavam as conquistas... senão o italiano, um antigo italiano muito próximo do italiano moderno, que dominou todas as línguas da península itálica a partir do século II antes de Cristo. E continua assim, por aí em diante. Pelo contrário, o que se observa na história das ciências (inclusive, na história das ciências da linguagem), é que, de modo geral, os progressos no conhecimento não se realizam a partir de *provas irrefutáveis*, mas antes a partir de meras *novas hipóteses*, que não são apresentadas como provas irrefutáveis.

BRIAN FRANKLIN HEAD

Emeritus professor, University of Albany

bfh122333@gmail.com

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_16

DE MARTINO, F. & Morenilla, C. (eds.), *A la sombra de los héroes*. Bari: Levante Editori, 2014, 486 pp. ISBN: 978-88-7949-638-4.

Esta obra, que reúne textos de autores diversos, enquadra-se na sequência de publicações anteriores de um grupo de investigadores que se encontra anualmente em Valência para refletir sobre um interesse comum pelo teatro clássico greco-latino e pela sua receção. O presente volume inicia uma nova linha de trabalho do grupo, que pretende privilegiar as personagens secundárias, como os editores clarificam num pertinente texto introdutório, esclarecedor do fio condutor que orienta os diferentes contributos. Deste modo, num périplo focalizado no teatro da Antiguidade e na sua projeção, esta edição faz desfilar com oportunidade múltiplas personagens secundárias, femininas e masculinas, tradicionais, adaptadas ou mesmo novas, i. e., ausentes do paradigma, que com frequência se vêem obscurecidas

pelo foco habitual concedido aos protagonistas; destacadas porém por esta publicação, são analisadas ora sob uma designação mais genérica do tipo ‘mensageiros’, ‘servos’, ‘parasitas’, ‘figurantes’, ‘carrascos’, ‘Coro’, ‘personagens transteatrais’, ora sob denominações que as individualizam, como Io, Tirésias, Licurgo, Cassandra, a ninfa Eco, Pandora, Cornélia, Licínia, ‘o Pedagogo’, ‘o Frígio’, ‘os filhos de Medeia’, ‘a Ama’, Artemísia, ‘o Eletricista’, José de Arimateia, Nicodemo, Maria Madalena. Do conjunto, fica a percepção importante do recurso a estas figuras para usos variados e significativos, nomeadamente para o estabelecimento de paralelismos com os protagonistas, para a comunicação de acontecimentos extracénicos chocantes e impressionantes, para a função de porta-vozes dos poetas, para a asseveração de movimento e/ ou crítica e/ ou diversão, para a garantia de ausência de vazio cénico. Percetível ainda e expressivo do potencial de algumas dessas personagens é o facto de muitas vezes, nas recriações, elas se tornarem protagonistas que dão voz a questões fulcrais do mundo coevo.

Os diferentes contributos proporcionam perspectivas de leitura remissivas para domínios diversos, como o literário, o performativo, o linguístico, o estrutural, o comportamental, o concetual, o religioso, o político, o da receção dos clássicos na televisão, no cinema ou na música, numa interseção eficaz, que convida à leitura de um volume efetivamente concentrado nas figuras secundárias para lhes outorgar mais luz, mais visibilidade. A referência sistemática a passos/ obras vários, exemplificativos e/ ou comprovativos da análise que vai sendo feita, fundamenta de modo adequado os trabalhos em geral.

Em jeito de epílogo, a apresentação do interessante projeto didático da *Saguntina Domus Baebia*, anunciada no início, que alia a figuras da Antiguidade, dispersas pelos *ludi* que propõe, material de teatro (e. g. máscaras, *tibiae*, *cothurni*) – personagens e aspetos materiais do teatro antigo são elementos importantes na criação de estratégias sedutoras para uma incursão pelos caminhos das línguas e culturas clássicas.

De salientar ainda a presença neste volume de um cuidado apêndice anexo a uma das colaborações, sobre figuras e cenas de anúncio na tragédia grega, útil e prático para o leitor, bem como o recurso atrativo a imagens ilustrativas de alguns dos estudos. Note-se também a inclusão oportuna de um índice de nomes antigos, assim como a referência aos passos textuais mencionados. Seria todavia igualmente proveitosa a inserção de uma bibliografia final conjunta ou a rematar cada um dos trabalhos, bem como um sumário individual numa outra língua para além da inglesa, eventual-

mente a espanhola, como a do título do livro. Observe-se também que os textos alusivos à Antiguidade clássica poderiam ter sido agrupados com uma continuidade epocal, partindo da Grécia para Roma. Uma nota ainda para o nome *Licinia*, grafado de formas distintas na mesma colaboração – Liscinia, Lascinia, Licinia (cf. sobretudo pp. 451-460). Estes aspetos não diminuem o mérito da visão de conjunto proporcionada por esta pluralidade de abordagens, particularmente favorecedora da apreciação da diversidade de figuras, funções e finalidades das personagens secundárias que, desta feita, não estão “a la sombra de los héroes”.

SUSANA MARQUES

Universidade de Coimbra

smp@fl.uc.pt

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_17

DUBEL, Sandrine, Favreau-Linder, Anne-Marie, Oudot, Estelle, dir.: *À l'École d'Homère. La culture des orateurs et des sophistes* (Paris, Éditions Rue d'Ulm/Presses de l'École normale supérieure, 2015) 295 p. ISBN 9782-7288-0526-6.

Na origem deste livro está um colóquio internacional realizado em 2010 nas Universidades de Clermont-Ferrand e Borgonha, dedicado ao tema «Homère rhétorique. Études de reception antique». O colóquio teve um carácter ambivalente, com uma primeira parte centrada na «retórica de Homero», propriamente dita, e uma segunda parte focada nas práticas e estratégias oratórias inspiradas pelos Poemas Homéricos.

Assim, e sem deixar de lado esta sistematização, a primeira parte deste livro trata sobretudo do papel de Homero nos exercícios retóricos da Antiguidade, como aqueles em que o aluno imaginava o discurso de um dos heróis homéricos (etopeia ou declamação). A segunda parte do livro explora a forma como o modelo homérico se tornou um referente familiar para o discurso retórico. Deste modo, o livro apresenta um conjunto de análises que vão do século V a.C. à Bizâncio do século XII, sob o signo de Homero.

«Homère, le premier des Sophistes?» é o texto de F. Kimmel-Clauzet (pp. 19-30), que cumpre a função de abrir o livro e no qual a A. conclui que as formas escolhidas pelos retores posteriores a Homero eram já bastante próximas das que encontramos nos Poemas Homéricos.